

Tales Faria

Aliados de Tarcísio temem sua proximidade com Flávio Bolsonaro

O comando da campanha do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) a presidente da República está preocupado com os estragos nos estados provocados pelo desgaste do candidato a partir do seu do envolvimento com Daniel Vorcaro, revelado pelo pedido de dinheiro para o filme Dark Horse, e pelo novo tarifaço de Donald Trump contra o Brasil.

Em São Paulo, por exemplo, foi amplamente, notada a presença do prefeito Ricardo Nunes (MDB) no palanque ao lado do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) durante a “Marcha para Jesus”, na quinta-feira, 4. Mas pouco ou nada se viu do vice-governador Felício Ramuth (MDB) ao lado de Tarcísio. Se lá esteve, não se expôs. O presidente nacional do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), nem compareceu ao evento.

Estão rompidos com Tarcísio? Não. Muito pelo contrário, cada dia mais ligados. Mas é que, naquele evento, estava programada a presença de Flávio Bolsonaro. Os defensores da reeleição do governador o têm alertado, desde que estouraram as notícias de envolvimento de Flávio com Daniel Vorcaro, dos riscos de sua proximidade com o candidato do PL a presidente da República.

Os aliados têm feito questão de deixar claro que estão com o governador de São Paulo, mas não necessariamente comungam de uma aproximação excessiva com os Bolsonaro. Alguns tratam o candidato do clã ao Planalto até como radiativo.

Pré-candidato do PSD à Presidência, o ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado, subiu no trio elétrico do evento com o presidente nacional do partido, Gilberto Kassab, depois que Flávio saiu.

E Caiado deixou claro o mote de sua campanha,

que supostamente o diferencia do bolsonarista. Disse que o povo deve ser governado por alguém com “integridade moral, dignidade”. Afirmou que os jovens devem ouvir que não vão viver “um governo de corrupção, mas um governo de esperança”, com o Brasil “relevante no cenário internacional”.

Até Tarcísio tem procurado se afastar do escândalo do filme Dark Horse. Declarou que se trata de “uma questão que precisa ser esclarecida” porque “o brasileiro não tolera mais corrupção. Está cansado”. E voltou a ser alvo de críticas do clã nos bastidores.

Mas Flávio tem procurado manter as aparências e evitar reclamações contra o governador. Se rendeu às articulações de Tarcísio e do presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, pela formalização da candidatura do presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, deputado André do Prado (PL), na segunda vaga ao Senado da chapa pela reeleição de Tarcísio.

O ex-presidente Jair Bolsonaro não gostou de não ter sido consultado, assim como seu filho Zero-Três, o ex-deputado Eduardo Bolsonaro (SP), que seria o dono da vaga e chegou a declarar sua preferência pelo vereador Gil Diniz como candidato. O clã, no entanto, teve que se render diante do enfraquecimento de Flávio.

Um enfraquecimento que está sendo moderadamente comemorado entre aliados por causa da forma centralizadora com que os Bolsonaro vinham comandando as formações de chapas nos estados.

Agora, dentro do partido, a ideia é administrar esse enfraquecimento para que não cresça demais e acabe prejudicando as campanhas estaduais, da mesma forma que o caso Master e o tarifaço.

Fernando Molica

A goleada do samba no Maraca

As dezenas de milhares de pessoas que, sábado, lotaram o Maracanã para ver Zeca Pagodinho, Alcione e Jorge Aragão mostraram que, muito mais que representar resistência — palavra tão citada no mundo do samba —, o gênero que melhor nos traduz demonstra potência, vigor, pujança, robustez.

As quase infinitas histórias de sambistas que viveram e morreram na pobreza, com reconhecimento muito aquém do que seria razoável, têm muito mais a ver com as injustiças crônicas da sociedade brasileira do que com o fato de eles terem abraçado uma determinada expressão musical. Negro em sua origem, o samba não escaparia da desigualdade racista do país.

Mas, talentoso, versátil e agregador, o samba reafirmou, anteontem, o tamanho de seu poder. Ao cantar os versos “Respeite quem pôde chegar onde a gente chegou” (de “Moleque atrevido”, que compôs com Paulinho Rezende e Flávio Cardoso), Jorge Aragão fez um alerta que, ali, era até desnecessário: ao pisarmos no terreiro do Maracanã, nós, espectadores, prestávamos tributo a todos aqueles grandes artistas, que falavam em nome de tantos e tantos outros; que, no limite, falavam por cada um da plateia.

A estreia da turnê no nosso estádio mais célebre, palco de muitas de nossas alegrias e tristezas, também serve de marco. Desde sua inauguração, em 1950, o Maracanã — então o maior do mundo — virou adjetivo, algo que ilustrava grandeza. Em 1980, ao subir ao palco no centro do gramado, Frank Sinatra deixou escapar um “Meu Deus!” Cantar no Maracanã lotado era gigantesco até para ele.

Depois, muitos artistas se apresentaram por lá,

onde já houve até uma edição do Rock in Rio. Mas as presenças de Alcione, Zeca e Jorge — e de Martinho da Vila, convidado da noite — tiveram um significado especial. Algo que resgata até mesmo o velho estádio, transformado numa confortável e excludente arena. Os donos da noite refundaram o Maraca que é nosso. Como faz Paulinho da Viola ao cantar “Bebadosamba”, ainda chamaram outros bambas para a festa: Cartola, Zé Keti, Beth Carvalho, Nei Lopes, Wilson Moreira e muitos outros.

Animadíssima, como não poderia deixar de ocorrer quando tantos sucessos são enfileirados, a apresentação requer alguns ajustes. Foi ótima a sacada de deixar os três no palco o tempo inteiro, mas seria bom amarrar melhor o roteiro, aproximar temas presentes em diferentes canções. Outro ponto: em um espetáculo com três protagonistas, a presença do convidado especial poderia ficar mais integrada ao todo. Ao cantar quatro sambas, Martinho parecia fazer outro show, apartado do principal.

O fim do espetáculo também merece uma mexida. “Vou festejar”, de Jorge Aragão, Dida e Neoci Dias, é espetacular, pra cima, mas a letra remete a uma vingança, ao desejo de sofrimento do outro. Foi meio esquisito, depois de um evento tão legal, sair do Maracanã repetindo “Você pagou com traição/ A quem sempre lhe deu a mão”. Um encontro tão bonito e emocionante merece um final que traduza melhor o samba que leva alegria a milhões de corações brasileiros.

Por último: “Coisa de pele” (de Aragão e Acyr Marques) não pode ficar de fora de um show que também é manifesto, que ressalta a arte popular do nosso chão.

EDITORIAL

Uma chance de brilho para o comércio

Falta pouco para o início da Copa do Mundo e o clima já pode ser sentido nas ruas. Camisas amarelas voltam a aparecer nas vitrines e nos guarda-roupas, bandeiras começam a ocupar sacadas e janelas, enquanto conversas sobre escalafões, favoritos e possíveis destaques da competição ganham espaço em mesas de bares, corredores de escritórios e grupos de mensagens. Antes mesmo do primeiro apito, o Brasil já demonstra que está pronto para viver mais uma vez a atmosfera única que apenas um Mundial é capaz de proporcionar.

Independentemente do desempenho da seleção, a Copa do Mundo continua sendo um dos raros eventos capazes de mobilizar o país inteiro em torno de um interesse comum. Trata-se de um fenômeno cultural, social e também econômico. Quando milhões de pessoas passam a compartilhar emoções, expectativas e experiências simultaneamente, diversos setores da economia encontram oportunidades para crescer.

Entre os segmentos mais beneficiados estão o comércio varejista, os bares e os restaurantes. O aumento da circulação de pessoas, o desejo de celebrar em grupo e o próprio sentimento de pertencimento que acompanha a competição criam um ambiente favorável para vendas e consumo.

Não por acaso, muitos empresários já começam a investir em decoração temática, promoções especiais e eventos voltados para a transmissão das partidas.

Mais do que vender produtos, o desafio é oferecer experiências. O consumidor atual busca ambientes que permitam compartilhar emoções. Assistir a um jogo cercado de amigos, familiares ou mesmo desconhecidos que torcem pelo mesmo resultado transforma uma simples refeição ou compra em uma lembrança afetiva. Quem compreender esse movimento terá mais chances de conquistar clientes não apenas durante o torneio, mas também depois dele.

O comércio brasileiro já demonstrou em outras edições da Copa sua capacidade de adaptação e criatividade. Pequenos empreendedores, grandes redes, ambulantes e estabelecimentos de bairro costumam encontrar formas inteligentes de aproveitar o aumento da demanda. Em um cenário econômico que ainda exige cautela e planejamento, oportunidades como essa não devem ser desperdiçadas.

A Copa do Mundo dura apenas algumas semanas, mas seus reflexos podem ser sentidos por muito mais tempo. Afinal, quando o país inteiro veste a camisa da seleção, a economia também tem a chance de marcar seus gols.

Opinião do leitor

Complexo

A que ponto o mundo chegou. Um presidente do país mais poderoso militarmente do mundo, mente descaradamente criando sanções contra um país para chantagear e assaltar suas riquezas, usando o direito da força e não a força do direito.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.